This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
B613mn

A 466300 DUPL

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

62-

O MORIBUNDO CYSNE DO VOUGA.

COLLECÇÃO

D'ALGUMAS PEÇAS MAIS IMPORTANTES

EXTRAHIDA DAS

OBRAS POETICAS

DO

Snr. Francisco Joaquim Bingre,

NOS

ULTIMOS MOMENTOS DE SUA VIDA.

PORTO

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL.

1850.

869.8
B6i.3mn

O Vouga lhe deo ser, o Tejo a lyra.

63-37404

AOS

AMADORES

DA

LITTERATURA CLASSICA NACIONAL

O.

O Editor

Calisto Luiz d'Abreu.

O MORIBUNDO CYSNE DO VOUGA.

O DESENGANO.

ODE.

Falso, perverso Mundo....
Ai de quem se confia em teus enganos!

SEPULVEDA, POEMA, CANTO 10.

I.

Curvado sobre o lar da choça minha,
Açoitado do inverno, eu aquecia
A um secco cepo de oliveira acceso
As mãos enregeladas.

2.

Pelas fendas da porta assobiava
O talhante Nordeste; e, gelo agudo
Peneirando, o telhado me cubria
De gelada farinha.

3.

Era já alto sarão; tinha cantado
O gallo velador a vez primeira,
Quando á porta senti bater tres vezes,
Com triplicado impulso.

4.

Uma pinha na mão tomando accesa,
Corri nos altos sóccos tropeçando;
Abri a porta, e vi um velho hirto,
A um bordão encostado.

5.

Pelo braço o conduzo, e no meu poiso
A' fogueira o sentei, que accesa estala:
Sem nada me dizer, batia os dentes,
Tiritando convulso.

6.

Uma bilha com quente mel, e vinho
Promptamente lhe dou, que ao fogo tinha;
Apenas o bebeo, um ai arranca
Do coração já môrno.

7.

Então, fitando em mim seus olhos tristes,
O venerando Ancião com voz piedosa,
Dando ais amiudados, compassivo
Me falla d'esta sorte: =

8.

" Bemfazejo Francelio, ah! quanto sinto
De vir tão tarde seroar comtigo!...
Mas tu a culpa tens; pois nunca a porta,
Quando eu bati, me abriste.

9.

Cego — e surdo á razão — fugiste sempre
De te encontrar comigo; ver-me nunca
Quizeste, nem ouvir-me, ensurdecido
Aos brados, que te dava.

10.

" E tu quem és, bom velho? " (eu espantado
Lhe perguntei): „ Eu sou (elle me disse)
Aquelle, que os mortaes ouvir não querem,
Senão no fim da vida.

11.

„ Eu de longe aos mancebos sempre brado =
(Pois não posso correr, velho, atrás d'elles)
Que ás falsas illusões ouvidos, cerrem,
Que ao despenho os conduzem. =

12.

„ Elles parar não querem na carreira;
Eu — rouco de gritar — fructo não tiro:
E, se chego ao pé d'elles, é já quando
Estão precipitados!

13.

„ Eu sou, Francelio, o tardo Desengano,
Que o resto do sarão comtigo quero
Esta noite passar; pois tu — já velho —
Fugir de mim não podes.

14.

„ No longo giro de setenta invernos,
Tu que lucro tirado tens, amigo,
Do jôgo das paixões, em que embebido
Andaste toda a vida?!..

15.

„ Tu ao vendado Amor serviste cego ;
Tu na profana lyra tens cantado
Tirceas desleaes, falsas Alcinas,
E Marilias ingratas.

16.

„ Com fingidos carinhos encantado,
Ouviste o fatal canto das serêas,
E o chôro de enganosos crocodilos,
Que a mocidade matão.

17.

„ Se ás ciladas — com vida — inda escapaste,
Não foi sem damno teu; pois bem ferido
Foste nestes encontros das ingratas,
A quem louco serviste.

18.

„ Que te valeu trinta annos ter amado
A perfida Marilia, se ella ingrata
As costas te virou, vendo-te velho,
Tombado da fortuna?

19.

„ Que ganhaste, Francelio, em dar louvores
A guerreiros crueis, que heróes chamaste?
Por ventura comtigo repartírão
Os roubados despojos?

20.

„ Que servio a Camões cantar sonoro
Com tuba de oiro os Argonautas Lusos,
Se elle pobre acabou, de porta em porta
Mendigando o sustento?

21.

„ Tu tens esperdiçado versos de oiro
Com fôfos cortesãos, venaes ministros.
Puro incenso — á virtude só devido —
Tens dado a vãos fantasmas.

22.

„ Onde estão os amigos lisongeiros,
Que nos grandes festins palmas te davão?
Ricos sempre de hypocritos applausos,
De pródigas palavras?!..

23.

„ Que foi feito de uns taes, que não deixavão
Jámais herva crescer á porta tua,
Que elles continuamente não calcassem
Com seus pés importunos?

24.

„ Tudo se evaporou, sumio-se tudo;
Pois a scena virou da dependencia.
Apenas cahe por terra o valimento,
Tudo costas lhe vira.

25.

„ Não lembrão nunca mais os beneficios,
Se acaso ao bemfeitor foge a ventura:
Os convivas sociaes promptos desertão;
Deixão-lhe a casa érma.

26.

„ Tu ha pouco inda viste um falso amigo,
Simulado traidor — fingindo affagos —
Arrancar-te das mãos o pão diario
De teu parco sustento.

27.

„ Não contente com isto o monstro enorme,
(Inchãdo, sem motivo, em seu veneno)
Tu o viste intentar com vil calumnia
Levar-te ao cadafalso.

28.

„ Ah! tu viste inda mais!.. Tu viste aquelles,
Que creaste na infancia, e que devião
Ter parte no teu justo sentimento,
Associar co' infame!!!

29.

„ Que paga, vê, te dão os vis ingratos,
Com quem trataste sempre, e a quem serviste?
Olha como as perjuras — que adoraste —
Da tua queda riem!

30.

„ Se escapaste do misero naufragio,
Em teu podre baixel c'o panno roto,
Partido o leme, desvairada a agulha,
Não tornes mais ás ondas.

31.

„ Nesta choça te abriga ás tempestades;
Aquenta-te ao teu lar; comigo falla;
Que um velho, como tu, ouvir só deve
O velho Desengano.

32.

„ Pois que foste feliz — na queda tua —
De eu inda a mão te dar, dos meus conselhos
Não te affastes jámais; inda que tarde,
Terás um fim ditoso.

33.

„ Não distante d'aqui, se a fito olhares,
As portas já verás da Eternidade:
Encaminha-te a ellas por meu trilho,
Que á dextra porta guia.

34.

„ Se tu não resvalares dos meus passos
Para a sinistra mão; quando subires
A escada de Jacob, rir-te-has do mundo,
E de seus vãos encantos."

35.

Disse o velho Ancião; e, a casa enchendo
Relampago de luz, desapparece!...
Ah! quão tarde me deixa o Desengano
A mente illuminada!!!

869.8
B6:3mn

O Vouga lhe deo ser, o Tejo a lyra.

63-3H04

AOS

AMADORES

DA

LITTERATURA CLASSICA NACIONAL

O.

O Editor

Calisto Luiz d'Abreu.

9.

Elle os sustenta fartos no deserto
Do maná abundante:
Elles o vêem fallar com Deos de perto
No alto do Sinay flammi-troante;
Faz chover codornizes, e agua pura
Brotar a penha dura!

10.

Rebelde sempre a maravilhas tantas,
Falso, e duro em seu trato,
Levanta sedições, murmura, e as santas
Leis escriptas por Deos o povo ingrato
Pragueja, e calca; e adora com desdoiro
O vil bezerro de oiro.

11.

Contra David — seu pai — com braço armado
Absalão falso, infido
Se ergue, sendo por elle tanto amado.
Sansão aos Filistheos vai ser vendido
Pela ingrata, que adora — fementida —
Por Dalila fingida.

12.

Quantos subido tem ao cadafalso,
Que a patria tem salvado!
Belisario, com testemunho falso
Por ingratos, dos olhos foi privado.
Aristides — o bom — por lei de ferro
Soffreo cruel destêrro.

13.

O memorando Ovidio, o Cantor triste
Desterrado no Ponto,
A' dôr da ingratidão lá não resiste:
Elle exclama, entre queixas, e ais sem conto;
" Não verás, Roma ingrata, os meus destroços;
Não possuirás meus ossos. "

14.

Seneca, o mestre do maior tyranno,
— Do feroz tigre — Nero —
Em seu sangue fartar vio este insano
Discipulo cruel, ingrato, e fero.
Marco a Cicero fez, por seu desdoiro,
Cortar a lingua de oiro.

15.

São muitos, que recebem beneficios,
Os maiores algozes
Dos bemfeitores seus: os sacrificios
Fazem ingratos mil — tigres ferozes
[Ah! feia ingratidão!] dos protectores —
Que os salvão dos horrores.

16.

Mas que ha-de ser? se o mesmo Auctor da vida,
Redemptor do Universo,
Privado d'ella foi!... Brutal Deicida
Foi o mundo remido... impio e perverso!!!
Um discipulo amado — falso — o vende;
E o povo — ingrato — o prende!!!

17.

São raras de encontrar as almas gratas
Nesta Babel confusa:
Coberto o mundo está de vis ingratas,
Que apparecem com rosto de Medusa,
Quando lhes tira a máscara do Engano
O tardo Desengano.

18.

Se acaso ao bemfeitor sopra a fortuna
No auge da grandeza,
O disfarçado ingrato a alta columna
Inda abraça, se vê que tem firmeza:
Mas, se a derruba horrisona procella,
Não passa junto d'ella.

19.

E' mais facil de vêr, qual já vio Roma
Em seu Circo cruento,
Esfaimado leão — arfando a côma —
Contra * Androclo correr... olhá-lo attento...
Affagal-o... lambel-o agradecido,
Do bem não esquecido!...

20.

Oh dura condição da humana raça,
Ao mal sempre propensa!...
Que vergonha uma fera, homem, te faça!...
Que um leão — grato — pague a recompensa
Do recebido bem!... E tu — ingrato —
Negues de amor o trato!!!

21.

Ah! se a dextra creou de um Deus irado
Duro supplicio eterno...
Que fogo vingador, sempre ateado,
Elle não tem no pavoroso inferno!...
Que tormentos sem fim!... Que horriveis tratos!...
Para punir ingratos!!!

---

* Vid. Auli Gallii Noctes Atticœ — Lib. 5. Cap. 14. pag. mihi 343. edit. Lugduni 1666.

PROTHEO.

Onde o Tejo vomita as aguas doces,
Para as ondas beber do mar salgado,
Não distante da foz, em loira praia,
Que do antigo Restelló toma o nome,
Uma torre se vê; e, em frente d'ella,
Pela parte do Sul outra se amostra,
Que na pública voz *Velha* se chama.

Nas fendídas ameias d'estas torres
Pião de noite as agoureiras aves,
Que sinistros desastres annuncião.
O vidente Protheo, pastor marinho,
Costuma lá nas convisinhas praias
O rebanho trazer dos verdes phoças
A retouçar nos limos prenhes d'agua.
Muitas vezes — alli — na liza areia
De vigía a seu gado tambem fica.

Uma noite, que a lua os quatro quartos
Argentinos mostrava arredondada,
E os zephyros brincões co'as leves plumas
Alizávão — zumbindo — as mansas aguas,
O fatídico Deos ouvio nos tôpos
Das velhas torres — toda a noite — tristes,
Amiudados suspirar os bufos,
Gemer os mochos, ladrejar corujas
Com roucas vozes, dolorosos pios.

Então, juntando o Vate em seus ouvidos
Os agoureiros sons desentoados
Dos noctivagos passaros sinistros,
E fitando na lua os lynceos olhos,
Arcanos descobrio, rompeo futuros,
E os turvos fados perscrutou vedados...
Elle vio, elle leu — no grande livro
Dos destinos do mundo — a justa causa
Dos roucos ais das agoureiras aves.
Do profético dom ardendo em chammas,
E d'um sacro delirio arrebatado,
A fatídica voz soltou, bradando: =

Vaticinio.

Velho Tejo descuidado,
Que por estas torres passas,
Sem escutar os agouros
Das tuas fataes desgraças:

Não ouves as tristes aves
Nocturnas, que estão piando,
Um teu porvir desditoso
Sinistras annunciando?

Quanto esquecido não vives
De tuas antigas glorias,
Quando lá d'Asia te vinhão
As palmas de altas victorias!

Então por essas ameias,
Sobre as Quinas triumphaes,
Cantavão aves sonoras...
Hoje agoureiras, fataes.

Vem ouvir o que annuncião
Os seus pios lamentosos;
Escuta o meu vaticinio
De teus fados desastrosos.

Subio ao zenith da gloria
O teu glorioso nome;
Deo leis ao Ganges, ao Indo...
Mas hoje o Lethes o some.

Hoje da audacia do Gama,
E de seus nautas ousados
Que nos resta?... só memoria
Dos Varões assignalados.

D'esses teus filhos valentes,
Que tanta gloria colhêrão,
N'estes dias pavorosos
Outros bastardos nascêrão.

Aquelles — te derão fama
Com valor constante, e forte;
Estes — com suas intrigas
Só pertendem dar-te a morte.

Ai de ti, Famoso Tejo!
Ai de ti, Lusa Nação!
Vós ides a ser sumidos
N'um anarquico voleão.

Esses noctivagos passaros
Vos dizem, nos seus agouros,
Que se vão murchar de todo
Os vossos antigos louros.

Onde virtude não ha,
Não póde haver união;
E, quando faltão as forças,
Os reinos cahem no chão.

Estes são, ó Lusitanos,
Os motivos verdadeiros
Porque taes aves não deixão
Os seus pios agoureiros...

Se me não mente o futuro,
Entre tão negros azares,
O' Tejo, tu vais sumir-te
No despotismo dos mares!...

Aqui parou o interprete vidente
Dos tristes pios das nocturnas aves,
Pondo termo a seu duro vaticinio
Com estrondoso ai, que repetido
Cem vezes foi d'um polyphonio echo. (*)

O desditoso Tejo, que escutava
As palavras fataes da prophecia,
Convulso alevantou ao lume d'agua
A veneranda fronte auri-limosa;
E, bradando — assustado — pelo Vate,
O vio, ao longe já, saltar no pego,
Conduzindo o maritimo rebanho
Aos marinhos curraes do Padre Oceano.

(*) O celebre Echo polyphonio da casa Simoneta — nos suburbios de Milão — repete uma palavra mais de cem vezes.
Viajante Universal. Vol. 49. pag. 14.

METAMORPHOSE

DO

Cyme, e da Gralha.

Onde a antiga Talábriga alça a frente,
Que o Vouga enrâma — que a tornêa, e lava —
Que affoita assombrou já o grão tridente —

Francelio com Marilia se abraçava;
E na amorosa chamma se accendião
Da fogosa paixão, que Amor soprava.

Era no prisco tempo, em que sahião
Por sua foz seus grã-navegadores,
Que as escondidas terras descobrião. (*)

N'estas frescas ribeiras seus amores,
Gosando em doce paz, davão inveja
A's Vouguenses Nâyades, e aos pastores.

(*) Aos affoutos navegadores commerciaes d'Aveiro se deve o descobrimento da costa septentrional d'America, a peninsula — que chamárão Terra-Nova — onde fazião a pesca do bacalháo. O famoso João Affonso d'Aveiro adiantou muito o descobrimento da costa d'Africa em o reinado de El-Rei D. João 2.°, tanto da Ilha a que deixou o seu appellido, como da terra firme do reino de Benÿ, d'onde trouxe um embaixador a Portugal; e, por trazer tambem a primeira pimenta, foi a causa proxima da conquista da India.

*

O Deos, qu'em chryseo coche o Ceo volteja,
Que ás camenas preside no alto Pindo,
De poeta a Francelio o dom bafeja.

Com elle as aureas fibras já ferindo
Da lyra, que lhe déra Amor, cantava
Graças da amada ao patrio côro lindo.

O Vouga — para ouvil-o — alevantava
A fronte encanecida sobre o argento,
E em torno a tropa senhoril boiáva.

Da campezina fistula, o instrumento
Depunha *Pan*, e o cólo debruçando
De cima d'alto choupo, o ouvia attento.

Favonio — as rôxas azas peneirando —
Se librava no ar deixando as flores,
Com que sempre travesso anda brincando.

Apinhados, alígeros Amores
As pequeninas palmas lhe batião,
Lançando em terra os aureos passadores.

Rião-se os campos, as florestas rião,
Quando o vate amador pulsava a lyra,
E n'ella resoar Marilia ouvião.

Ella era o seu altar, ella era á pyra,
A thuricrema ara, em cujo lume
Lhe ardia o coração, que ella possuira.

Marilia — sobre a terra — era o seu nume,
A quem sacrificava os seus affectos
Co' a secúre do amor de affiado gume.

Intentava o cantor, nos seus projectos,
Da amada nympha eternisar o nome,
E aos vindouros levar seus dons selectos.

Mas o tempo feroz — que os bronzes come —
Que do curso lunar varía o fio —
Que muda inclinações — que tudo some —

Deu á falsa Marilia tal desvio
De ouvir cantar seu nome ao vate amante,
Qu'ingrata o abandonou sem dôr, sem brio!...

Vendo o triste amador, n'um só instante,
Romper traidora mão o antigo laço,
Que — ha seis lustros — durava em nó constante...

A lyra arremessou ao rio, — baço
Com as turvas correntes de seu pranto;
E aos Divos declamou do ethêreo espaço...

„ Numes, ao throno vosso a voz levanto;
Castigai da perjura os vís enredos;
Meus votos acolhei, vingai meu canto.

„ Vouguenses nymphas minhas, que os segredos
„ D'este vosso cantor — tão terno — ouvistes
„ Por estas frescas margens, e arvoredos;

„ Se vos dei fama, se prazer sentistes
„ Quando cantava a desleal ingrata,
„ Que ella o viesse a ser, não presumistes.

„ Hoje na triste dôr, que me arrebata,
„ Venho queixar-me a Vós d'essa perjura,
„ D'essa falsa, cruel, que assim me trata.

„ Que no mundo não ha dicta segura;
„ Bem tarde reconheço: em vivas frágoas
„ Ardi — firme amador — sem ter ventura.

„ Eu vou, ó patrio Vouga, em vossas agoas
„ Que tanto celebrei, lavar a chaga;
„ N'ellas vou sepultar as minhas mágoas.

„ Ouvi, Numes do Olympo, a minha praga...
„ Castigai a traidora, que me offende,
„ Que deu a tanto amor tão feia paga....

Disse: e — d'alto rochedo — o corpo pende
Na lympha de christal; e foi nos braços
Cahir do Padre Vouga, que o suspende.

Todas as nymphas de seus vítreos paços;
Com suspiros, com ais, o recebêrão,
Revezadas — com dôr — em seus regaços.

Os Divos, que no Céo se condoêrão
Do cantor infeliz, em Cysne brando,
Palmípede, do Vouga, o convertêrão.

Eis nas suas espadoas rebentando
Lizas, candidas azas, se cobria
De nítida plumage, o cólo arfando.

Este — com garbo airoso — se estendia
Perdendo a voz humana; e, adelgaçada,
Toda se transformou em melodia.

Ave aquatica fica... consagrada
A Phebo, e nove irmãas: ... sua doçura
E', por mercê do Pindo, aos Vates dada.

Inda ás vezes, lembrado da perjura,
A sua ingratidão o Cysne canta;
E é mais terno, conjuncto á sepultura.

Quando quer espirar, a voz levanta;
E as nenias funeraes do seu occaso
Sôlta em doces accentos da garganta. (*)

(*) Dulcia defecta modulatur carmina lingua
Cantator cycnus funeris ipse fui.
Marcial. Epigra. Liv. 13. N. 74.

Marilia desleal, que soube o cazo
Do sentido Francelio — transformado —
Se ria, por o vêr nadar tão razo.

Porem não tardou muito, que do Fado
Ella o justo castigo não sentisse,
Vendo — o garbo traidor — tambem mudado.

Para que do Amador mais se não risse,
Em negra, rouca Gralha, transformada
Quiz Apollo, que subito se visse!...

Vendo-se em feia fórma assim mudada,
Quiz o amante invocar; e — a voz alçando —
Não se lhe ouvio senão rouca grasnada!

D'ella as nimphas do Vouga então zombando,
Batendo as negras azas se levanta —
Ave mexeriqueira — e vai palrando... (*)

Quando o cysne no fluido argento canta,
Grasna a Gralha no ar, inda traidora:
Elle — co' a doce voz — a tudo encanta,
Ella — c' o rouco som — a tudo agoura.

(*) Ave mexeriqueira é a Gralha.
Ovid. Metamorph. Liv. 2.

APOLOGO.

A Serea, o Crocodilo, e o Macaco.

DISPUTAVÃO fortemente
Nas frescas margens do Nilo,
Sobre o manejo do engano,
A Serea e o Crocodilo

Jactava-se este vil monstro
Matar os homens, chorando;
Vangloriáva-se a Serea
Matar os homens, cantando.

„ Eu (dizia o Crocodilo)
Affecto um chorar mavioso;
Depois despedaço — rindo —
A quem me accode, piedoso. „

„ Pois eu não; com mais destreza
Sonora me faço ouvir:
(Disse a Serea) — e nas ondas
Faço os nautas submergir. „

Um Macaco, que enróscado
Estava n'uma palmeira,
Ouvio — attento — a conversa
Da jactancia carnicoeira:

Mas — não podendo soffrer
A tal questão depravada —
Deo, do ramo onde pousava,
Uma tremenda apupada.

Eis n'isto as féras — alçando
Os olhos, e vendo o Mono,
Fazendo várias momices,
Mui repimpado em seu throno —

Lhe disserão: "Já que ouviste
Do nosso engano os ardís,
Sê d'esta nossa contenda
Hoje, ó Macaco, o juiz.

„ Nós nos louvâmos em ti,
Como as Deosas se louvárão
Em Páris, quando do pômo
De oiro a posse disputárão.

„ Decíde prudente, e recto =
Qual de nós é mais tyranno;
Qual de nós deve empunhar
O sceptro do falso engano. = „

O Macaco, assás manhoso,
E assás no mundo experiente
Dos monstros da Natureza,
Sentenceou de repente:

" Tenho ouvido a vossa teima;
Podeis casar sem dispensa:
Ambos reunís o engano
Da mulher! = eis a sentença = „

A decisão do Macaco
N'esta fabula nos diz,
Que a mulher reune em si
Dos dois monstros os ardìs.

A mulher engana — e mata,
Quando se põe a chorar;
A mulher engana — e mata,
Quando se põe a cantar.

Homens, fazei-vos Macacos;
Se não — ficareis perdidos:
Ou a mulher cante ou chore,
Tapai os vossos ouvidos.

Ao Snr. Francisco Luiz d'Abreu, que — estando casado, e estabelecido em Pernambuco — voou a Portugal para valer a sua mãi decrepita, e a seu irmão, preso na Relação do Porto, por motivos politicos, no tempo da Usurpação em 1830.

ODE

E

SONETO DEDICATORIO.

Septuagenario já, a velha lyra
Mal posso dedilhar co' a mão tremente:
Cansada tenho já a voz cadente,
Que algum dia accendeo de amor a pyra.

Apollineo clarão já não me inspira
Influxo divinal de um estro ardente;
A decrepita idade — o Deos fulgente —
Já não ousa aquecer, costas me vira.

Aquelle gaz, que me inflammava tanto,
Desfalleceo de todo; apoquentado,
Já debalde nas azas me levanto:

Porem teu nobre arrojo sublimado,
Se faz, ó grande Abreu, erguer meu canto,
E' voz de Cysne á morte aproximado.

ODE. *

1.

Bem motivo não foi, que aos Ceos alçárão
Doutos Vates na sábia antiguidade
Os dois gemeos irmãos, e os collocárão,
Modello da amisade,
Fulgurando entre as nítidas estrellas,
Quaes as Vergilias bellas.

2.

O Thebano cantor abandonava
A lyra, que do chão Thebas erguia,
Se a venatoria trompa resoava;
E rapido seguia
O caçador irmão com puro affecto,
O seu querido Zetho.

(*) Tenho interesse pessoal na impressão desta Ode, para dar um testemunho público do meu reconhecimento ao rasgo da generosidade de meu extremoso irmão. Devo-lhe a maior das dividas — a minha actual existencia; porque, sem os seus soccorros pecuniarios, eu teria perecido á mingoa nas prizões d'Almeida — durante o tempo da Usurpação. Para não offender — em mais subido grau — sua excessiva modestia, deixo ainda encerrado no peito tudo o que a minha profunda gratidão queria, e — neste momento — devia manifestar ao publico. (*O editor*).

3.

Em nó gordio, que o tempo não desata,
Nem corta de Alexandre a invicta espada,
O puro Amor — constante — eternos ata,
Com sua mão sagrada,
Niso e Euryalo, Pylades e Orestes
Nas regiões celestes.

4.

Se inda hoje em seus clarins eleva a fáma
Da incendiada Troia o Teucro ousado
C'os Penates — c'o pai — que adora, e ama,
Fugindo carregado...
Tu, Abreu, por valer aos patrios lares
Dóbras mais longos mares.

5.

Com amor filial, fraterno affecto,
A teu bom coração soltando as velas,
Sem temer de Neptuno o horrendo aspecto,
E a furia das procellas;
Tu — irmão — sem igual, tu — sem par — filho
Vens espargir teu brilho.

6.

Apenas — no Brazil — por ti ouvidos
Da decrepita mãi os ais cançados,
Do preso irmão os funebres gemidos...
Dois punhaes aguçados
O teu sensivel coração ferião,
E as azas lhe estendião.

7.

Oh ceos! que negro quadro de tristeza
Amor com viva mágoa, e negra tinta,
Promptamente gemendo, com destreza
Na tua idéa pinta!...
N'elle teus olhos — rios dois — fitando
Ficaste mudo olhando!...

8.

Alli com viva dôr se te afigura
Os dois caros objectos vêr pintados,
Opprimidos c'o peso da amargura
Em dias eclypsados:
A terna mâi viuva em pranto e berros,
E o triste irmão em ferros!

9.

O duro desamparo dos dilectos,
Consocios de tua alma tão distantes,
Transportando teus candidos affectos,
Azas lhes deo prestantes,
Para voar — do solo americano —
Ao ninho lusitano.

10.

" Meu terno coração, a amor votado,
„ Divída Amor (disseste) em quatro partes,
„ Co' a esposa, filhos, mâi, e irmão amado:
E promptamente partes.
Duas porções do coração lá deixas;
E com duas desfeixas.

11.

Que amante esposo! oh ceos! que pai mavioso!
Que — terno — filho bom! que irmão — tão fido!...
Tu és — sem par — Abreu!!!... Mais amoroso
Que o nadador de Abydo:
Tu — por amor — transpões mares sem conto;
Elle — o estreito Hellesponto.

12.

Entre as constellações, que nos Ceos brilhão,
Da candida amisade, és tu a c'roa
De um puro amor fulgente: ellas se humilhão
Quando a fama apregoa
Teu grande rasgo de finezas bellas,
Mais vivas que as estrellas.

13.

Vem pois, heroe de amor, varão perfeito;
A' consternada mãi enxuga o pranto;
Encosta o triste irmão ao terno peito;
Recolhe-os no teu, sancto
Asylo fido da tua alma pura;
Doira-lhe a sorte escura.

14.

Do nosso patrio Vouga venerando
Vem ser o Semideos do amor mais puro...
Que as suas claras nymphas levantando
Te estão padrão seguro
No seu canto, que leve á eternidade
O alto Heroe da amisade!

VELHICE E POBREZA.

SONETO.

Morreo pobre — o Camões, pobre — o Garção;
Quita, e Mattos vivêrão na pobreza;
Bocage teve lances de escasseza,
Muitos dias soffreo falta de pão.

Santos e Silva tinha uma ração
Do Hospital na botica por fineza:
Parece que capricha a natureza
Em fechar á poesia a dextra mão!!!

Aquelles forão Vates de alto espanto,
Que deixárão no mundo eterno nome,
Muitas vezes comendo o proprio pranto;

Tal o Bingre, mirrado se consome;
Se os não póde imitar no doce canto,
Elle os imita victima da fome.

ARUSPICINA.

Ha na serra de Cintra um antro antigo,
Cavado pelo mar na rocha viva,
Onde encantados Vates tem abrigo.

E' tradicção, que fôra alli activa
Eschola de famosos adivinhos,
Augúres da triforme Hecáte diva.

Alli nocturnas aves tem seus ninhos,
Que de noite apavórão, com seus pios,
Os povos dos casaes circumvisinhos.

Ouvem-se alli mugir touros bravios,
Que são nas fataes aras degolados
Pelos magos Arúspices sombrios.

Alli, transpondo os cerros escalvados,
A desditosa Lysia — descorada —
Entrou pungida de seus negros fados.

Bem no fundo da gruta arredondada,
Uma ampla sala vio, com aras cento,
De tosca — negra pedra — mal lavrada.

Eis que — vendo o barbáto ajuntamento,
De um grande candelabro á luz pingosa
Perfilado em redor do pavimento —

Deu tres passos atraz, parou medrosa;
Pois que o concláve triste, e silencioso
Fazia ésta caverna respeitosa.

Mas, arrancando um ai do peito ancioso,
Para o rancho vidente do futuro
Se aproximou — com passo duvidoso.

" Sabio Congresso, (disse) Sabio Auguro,
„ Que perscrutas das rezes nas entranhas
„ O cerrado porvir do fado escuro;

„ Minhas tristes angustias são tamanhas,
„ Que vos vem consultar neste recinto,
„ Que occulta o coração destas montanhas.

„ E' tão embaralhado o mal, que sinto,
„ De meus crueis azares, que não posso
„ Com o fio acertar do labyrintho.

„ Aqui venho implorar o saber vosso;
„ Lêde no grande livro dos destinos,
„ S' elles marcado tem o meu destrôço.

„ Immolai uma rez, Vates divinos;
„ Indagai meu porvir, lêde o meu fado
„ Nos quentes — palpitantes — intestinos.

„ Fatídico Congresso, iniciado
„ Nos profundos mysterios pythonisos,
„ Consultai vosso oraculo sagrado.

„ Porém ah!... Vós estais inda indecisos,
„ Se deveis a meu rôgo dar ouvidos
„ Com os vossos propheticos juisos?...

„ Não (o mestre lhe diz); ensurdecidos
„ Não estâmos á tua dôr amara:
„ Nós temos compaixão dos teus gemidos!... "

Eis — prompto — ao sacrificio se prepara;
E manda um louro vir, novo bezerro,
Que atou — de pés, e mãos — em ampla ara.

E logo, levantando o curvo ferro,
D'um golpe immóla a victima innocente,
Que deo — quando cahío — tremendo berro.

Eis d'alto a baixo a abrío rapidamente;
E as mãos mette nos bofes palpitantes;
E o coração — na dextra — aperta quente.

Logo os mais sacerdotes circumstantes
Derão tres grandes brados, por tres vezes,
Com formidaveis urros ululantes.

E, arrancando o deventre com as fezes,
O principal Augúro — nas costellas —
O destino indagou dos Portuguezes.

Medindo as ósseas linhas parallelas,
Que se engranzão no fio do espinhaço,
Vio — que erão, quasi todas, amarellas. —

As dimensões, tomadas a compasso,
Outro escrevia, em caracteres magos,
Em lisa pedra — com ponteiro de aço.

Vio filamentos de crueis estragos;
Descubrio veias de enredados damnos;
E uns tecidos de nervos aziagos.

Minutos, horas, dias, mezes, annos,
Nove vezes gravou na pedra lisa,
Onde augurava os fados Lusitanos.

Então juntando tudo, que divisa,
Abrazado no ardor do fatalismo,
Um medonho porvir lhe prophetisa:

" Não ha, Lysia, (lhe diz) já patriotismo,
„ Que te possa salvar da fatal queda,
„ Traçada pelas mãos do torpe egoismo.

„ Ninguem do precipicio já te arreda,
„ Nem de ser abrasada em tétra chamma;
„ Pois que a Discordia assópra a lavareda.

„ Se alguem inda — por ti — d'amor s'inflamma...
„ Esse forças não tem, que cortar possão
„ Os laços da traição, do egoismo a trama.

„ Teus — inimigos filhos — que se apossão
„ Das veredas da tua monarchia,
„ Todos os teus projectos te destroção.

„ Ai! ai de ti! ... ai da inclita Maria! ...
„ Aqui tens de teus males toda a somma
„ Neste negro papel de prophecia...

„ Ai desgraçada mãi! aqui tens; toma
„ O vaticínio, que te cabe em sorte...
„ Assim findou a minha patria — Roma! ...

„ Tu foste — qual foi Roma — rica, e forte;
„ E em todo o mundo triumphal, famosa ...
„ Hoje o teu esplendor vai soffrer morte! ...

„ Perdida estás, ó Lysia desditosa:
„ Sahe depressa d'aqui; não mais te internes.
„ Só te póde salvar Judith formosa,
„ Se a cabeça cortar d'esse Holofernes."

A AVAREZA.

ODE.

1.

Os cofres incintados,
Do amarello metal — hâ muito — prenhes,
O Avarento desfecha, abre com susto;
E do alastrado ouro a vista céva
Nas cunhadas medalhas.

2.

Risonho estende-as todas
N'um lavado lençol, que alarga e estira;
E, depois de as contar trez vezes, pensa
Como possa outro encher de igual quantia
Com traficancias novas.

3.

A Cubiça lhe aponta
A sua amada Usura... Divindade,
A que elle — mui submisso — presta cultos
No fraudulento giro negocioso,
Que as ferreas burras lhe enche.

4.

As dobras remexendo,
Alimpa-lhe o bolor, e o pó lhe assopra:
„ Ah! que lindas não são (exclama sôfrego —
De susto, e de esperanças combatido —),
As sob'ranas effigies!

5.

„ Este gentil dinheiro,
Estas regias figuras nunca devem
Chegar ás mãos d'hediondas regateiras,
De sujos almocreves — gentes porcas —
Que as enchem de azinhabre.

6.

„ Para andarem aos tombos,
Pelas palmas de sordidos bregeiros,
De prodigos vadios jogadores,
Ellas não se cunhárão; para esses
Cunhou-se o cobre, e o bronze.

7.

„ As preciosas Peças,
Os grandiosos Dobrões, aureas Moedas,
Carecem de alta estima, e grande asseio;
Livres do ar corrupto, e mau olhado
De empolgantes milháfres.

8.

„ E' por isso, que as tenho
Dos ferreos cofres no tristonho encêrro,
Em abafo fechadas a tres chaves,
Que — nas carnes da cinta — presas trago,
Cilicio do meu uso.

9.

„ E pensa alguem que eu durmo,
Em quanto ellas repousão no seu leito?...
Eu as vigío, desvelado sempre
Todas as noites — atalaia firme —
Qual Argos de cem olhos.

10.

„ Na mansidão das arcas
Este encêrro estranhar ellas não devem.
Como virgens estão, em paz ditosa
Enclaustradas, sem temor dos lances
Do Mundo corrompido.

11.

„ Não teve acaso o ouro
Lá no centro da Terra o natal berço?
Que sería de ti, metal formoso,
Se a cubiçosa Deôsa, que eu adoro,
Te não desenterrasse?...

12.

„ Sepultado nas trevas
Ficáras sempre lá sem brilhantismo!...
A' Deosa deves o gosar delicias,
Que te prodigalisão meus consocios,
Os sacerdotes d'ella.

13.

„ Vós, fulgentes medalhas,
Do aureo germen de Phebo, se reclusas
Estaes em meu poder, gosaes mil cultos,
Que o meu amor vos dá, caricias, mimos,
E beijos amiudados.

14.

„ Não vos visíto eu sempre?
Não vos mostro do lindo Sol aos raios,
Por entre as gelosias de aço fino
D'esta vossa prisão? não sois as lindas
Meninas dos meus olhos?

15.

„ Não é a vossa sorte,
N'esta doce prisão do meu affecto,
Mais venturosa no tranquillo pouso?
Terieis n'esse vil, devasso giro,
Mais feliz existencia?

16.

„ Não é melhor, meninas,
Viver aqui comigo em brando ocio,
Que andar em duras guerras barulhadas,
Tintas de sangue, pelo chão calcadas,
Ou em mochilas sujas?

17.

„ Quaes são as bellas damas,
Que gostão de se ver enxovalhadas
Pelas farruscas mãos de um carvoeiro,
Ou de um cebento esfolador tedioso,
Que fétido trescála?...

18.

„ Quando as tampas levanto
Desse vosso repouso... oh! que fragrancias
Divinas não soltaes!... Eu tive o accôrdo
De vos cubrir de cravos e de rosas,
Quando vos fechei n'elle.

19.

„ Aqui livres das furias
Estaes dos negros furacões raivosos,
Que lá no meio dos alterosos mares
Vos submergem, c' os nautas ambiciosos,
No seu lodôso pégo.

20.

„ Aqui descanço eterno
Comigo disfrutais, gentis amigas;
Eu não vos vendo nunca, nem vos tróco
Por çafados tostões, sóalhas de cobre,
Nem por patacos falsos.

21.

„ Ao tombo de tres dados,
Aos sete de levar, á paz de pîrolo
Jámais vos arrisquei!... Em fôfas modas,
Nem em mesas de opîparos manjares,
Não vos desgasto nunca!...

22.

„ A grande sobriedade
De meu parco sustento é bem notoria.
Quaesquer quarenta reis mantem-me um dia;
Nunca fui comilão; não cinquei nunca
No peccado da gula.

23.

„ Não desperdiço galas;
Umas meas de lãa, calções de risso,
Uns çapatos de vira, uma borjaca
De burel grosso, e bom chapeo de Braga
Formão todo o meu luxo.

24.

„ A corridas de touros,
A comedias não vou, festins, nem danças;
Com passeios jámais perco o meu tempo;
Comvosco me entretenho, amadas louras,
Em doce passa-tempo.

25.

„ Se todos se abraçassem
Com a sóbria, sagrada economia,
Voar não se verião muitos homens
De pernas para o ar, quaes leves pennas,
Sem cinco reis nos bolços.

26.

„ Em vós, aureas medalhas,
Emprégo o pensamento, e meus cuidados:
Vós, ó presas gentis, sois os meus Numes;
De vós é um perpétuo prisioneiro
O vosso carcereiro. ”

AO NATALICIO DO AUTHOR.

Em 17 *de Julho de* 1843, *fazendo* 80 *annos de idade.*

ODE.

1.

O patrio Vouga ancião, o cantor vosso
Hoje fixou o circulo da vida;
Marcou o seu destroço
Octogenaria lida.
No bronze o Tempo deo co' a mão pesada
A ultima pancada.

2.

Seu relogio fugaz o derradeiro
Natalicio apontou da longa era;
Emperrou o ponteiro
No oitenta, que numera.
Lachesis pôz na róca com fadiga
A derradeira estriga:

3.

Já torto o fuso tem, já mal o trilha,
Cançada de fiar, nos dedos gastos.
E Clotho, que ensarilha,
Traz a meada a rastos.
Átropos féra, co' a tesoura aberta,
Quasi os anneis lhe aperta.

12.

A vêr estranhos lares o levavão
O assombroso (1) Elmino, o sabio (2) Oleno;
E os rumos lhe ensinavão,
Que o grão-cantor (3) Ismeno,
Imitador de Pindaro e d'Horacio,
Descubríra no Lacio.

13.

Assim, tomando força, audaz subia
Entre os Cysnes do Tejo ao Piério monte;
A lyrica Thalía
Muitas vezes a fronte
Alli lhe engrinaldou de verde louro
Ao som da lyra d'ouro.

14.

Por taças de christal o estilo puro
Bebeo dos grandes Vates quinhentistas;
Nunca o caminho escuro
Seguio dos seiscentistas.
Foi por isso que ao Vouga o fez glorioso
Bocage (4) luminoso.

15.

Que lições lhe não deo do canto agrario
O seu dilecto amigo, o doce (5) Alcino!...
Com que fogachos, Clario (6)
D'alto fogo divino,
O estro lhe accendeo, e o (7) grão-Jacindo
Nas tarefas do Pindo!...

---

(1) José Agostinho de Macedo.
(2) Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.
(3) João Vicente Pimentel Maldonado.
(4) Vid. o Prologo do Poema — As plantas —; e a nota do Soneto nos seus ultimos momentos.
(5) Joaquim Severino Ferraz de Campos.
(6) Sebastião Xavier Botelho.
(7) Joaquim Ignacio da Costa Quintela.

16.

Mas ah !... De tantos Cysnes portentosos
Só o rouco do Vouga agora resta ! ...
De todos — seus famosos
Socios — vio a funesta
Passagem do Acheronte em fusca barca,
Onde elle agora embarca.

17.

Ficou só o cantor do Vouga — annoso —
Para as portas fechar da Academia!... (1)
Elle chorou saudoso
A nobre Companhia ,
A' qual a Fama ind' hoje erige altares
Nos Lusitanos Lares.

18.

Quem hade hoje carpir a mortal queda
De Francelio Vouguense octogenario ?...
Findou a lavareda
Do facho incendiario ,
Que no éstro accendia altas fogueiras
Aos Camões , aos Ferreiras !...

19.

Labyrinthos romanticos , charadas,
Phrazes hyerogliphicas do Nilo,
São as afrancezadas
Canções do novo estylo ...
Já se não cantão nenias lacrimosas ,
Elegías saudosas...

---

(1) A Academia de Bellas-Lettras , erecta no castello de S. Jorge por varios curiosos , debaixo dos auspicios de S. M. a Sr.ª D. Maria Primeira ; e dirigida pelo intendente geral da policia , Diogo Ignacio de Pina Manique. Teve bastante nome em Lisboa ; e fez no paço da Ajuda uma sessão ao nascimento da Sr.ª D. Maria Thereza, primeira filha do Sr. D. João 6.º

20.

Té vós, Nimphas gentis, desaprendido
Tendes aquellas ternas cantilenas,
Que fizerão florído
O jardim das Cámenas;
Do doce Anacreonte os sons divinos,
De Theócrito os hymnos!...

21.

Em vez de lêdo canto d'artificio,
Com lagrimas d'amor, do triste Vate
Honrai o Natalicio
Decrepito, que bate
A's portas da tremenda Eternidade,
Com susto e com saudade!...

A' IMMACULADA CONCEIÇÃO

DE

N. SENHORA

em 8 *de Dezembro de* 1847.

SONETO.

Era n'este Celeste Augusto Dia,
Por dever social, VIRGEM SAGRADA,
Que a Vossa Conceição Immaculada
Cantava a minha antiga Academia.

Eu, alumno tambem, a voz erguia
Para troar na Olympica morada;
E co' a mente em fervor incendiada
Tres vezes Pura, Vos louvei, MARIA.

D'aquella vossa Arcadia eu o primeiro,
Que — voando nas azas do meu canto —
Era da vossa Gloria o pregoeiro.

Mas hoje, que do chão me não levanto,
Recebei d'esse alumno derradeiro
A lyra, sem cantor, banhada em pranto.

NA INVASÃO DE MASSENA

OUVINDO AS BOMBARDAS DO BUSSACO.

SONETO. (*)

Cahio Memphis soberba, Tyro altiva,
Babylonia cahio, cahio Carthago;
Troia em chammas ardeo, sentio o estrago
Do ataque pertinaz da mão Argiva;

Macedonia expirou; soffreo captiva
Thebas, a de cem portas, mortal trago;
Roma o nome perdeo: — no Estygio lago
Submersas todas são, nenhuma é viva.

Cyro, Sesostris, Alexandre fero
Jazem todos no pó; Darío ufano,
E o filho de Pelêo, o heroe d'Homero;

Baixou ao reino escuro de Summano
Julio Cezar audaz; sumio-se Nero;
Resta cahir Pariz e o seu tyrano.

(*) Este soneto foi-nos recitado pelo snr. Bingre, alguns dias depois que o havia composto. Nunca admirámos tanto o nosso amigo, como n'aquelle momento de verdadeiro enthusiasmo patriotico: pareceo-nos perfeitamente inspirado, quando em particular nos annunciava a quéda — mui proxima — do Grande Homem do Seculo. Verificada a prophecia, fômos tambem dos primeiros no cortejo respeitoso, com que muitos amigos tributárão ao insigne Vate do Vouga as bem merecidas homenagens.

O Editor.

AO ILLUSTRISSIMO SNR.

Francisco Joaquim Bingre.

EPISTOLA.

Francelio, os versos li — que me diriges;
No *Ramalhete* os li: e os teus louvores
Meu coração d'alta ufanía enchêrão.
Nem te deve admirar; porque provinhão
De um Vate, que é Nestor dos Lusos Vates;
Que, sem me conhecer, m'os tributára.
E' assim que o louvor é doce, e grato
Aos bem formados corações. Que montão
Elogios — que arranca a dependencia,
Ou provindos de quem jámais sondára
Os mysterios de Phebo, e das Camenas? —
Para o vulgo profano eu não escrevo;
Para os nescios não canto. Amo os applausos...
Mas de ti, que — sorrindo — Euterpe, e Clio
Entre os louros do Menalo frondoso
Outr'ora coroárão, e te derão
Sonora lyra, em que as canções resôão
Do terno Amor, do zombeteiro Baccho...
De ti, cujo cantar admirei sempre
Por seu estilo original, e a força
Tão viva da expressão, á graça unídá.

Se me julgo poeta, é porque outr'ora
Me acclamárão poeta — o douto Alfeno,
De Filinto discipulo mimoso —
O fecundo Moniz — o grave Ismeno —
E o Homero do Sado, o meu Thomino.
Elles meus versos com prazer ouvião:
Lião-me os versos seus; nem desdenhávão
Meus sinceros reparos!... Quão saudoso
Inda recordo seu amavel tracto,
Seus conselhos, e exemplos! Quantas vezes
Adornei de festões de myrtho e flores
Urnas, em que repousão cinzas suas!...

Curvado ao peso de sessenta invernos,
De amigos taes privado, e quasi extincta
A luz dos olhos, com saude debil
Vivo... se é vida o existir sosinho
No meio do bulício de Ulyssea;
Sosinho... porque fujo aos homens d'hoje,
Que eu entender não sei, que não me entendem.
Inda bem que a penuria não me opprime,
E honesta subsistencia os Céos me derão!

Tal o engenhoso Ovidio, desterrado
Entre os barbaros Getas, consolava
As mágoas suas co'a sonora lyra,
Cujos sons suavissimos cahíão
Nesses rudes ouvidos, como as chuvas
Da primavera em retisnadas rochas,
De que se escôão, sem que ao menos possão
De verdejantes musgos revestil-as.

Quando findão meus publícos deveres,
Côrro aos meus livros, como o cervo á fonte,
Consultar sábios da famosa Grecia,
Da prisca, e da moderna Ausonia, e Gallia.
Outras vezes da cithara desprendo
Os melodiosos sons; e se não canto,
Como outr'ora, os ardentes Dithyrambos;
Se não posso seguir de Horacio os vôos,
Inda posso meus versos dar ás Artes,
A' Sciencia, á Virtude, á Liberdade.

Mas tu, nobre cantor, que ao patrio Vouga
Dás ufania, dás brazão, dás honra ...
Tu, que Euterpe prendou co' a lyra de ouro...
Tu, que aos vates do seculo brilhante
Do Terceiro João de perto imitas
Sensato imaginar, e a phrase culta ...
Tu, a quem concedêra o Céo benigno
Transpor da vida os términos prescriptos
Ao vulgar dos humanos ... não estranhes
Que eu, em nome de Phebo e das Camenas,
Zeloso do esplendor das patrias letras,
Te censure o descuido, com que negas
Teus versos publicar. Longos estudos,
Trabalhos longos — ficarão perdidos?...
Reclama a Patria do teu estro os fructos:
De sepultada inercia, Horacio o disse,
Pouco dista a virtude, que se esconde.
O Eterno concedeo-te a luz do genio,
Por que com ella os homens illumines;
E debaixo do alqueire, ingrato, a fechas!

Dos herdeiros, e amigos, tu confias
Que teus versos á luz darão? Não provão
Tantos exemplos, que te illudes n'essa
Lisongeira, fantastica esperança?...
Onde os versos de Thyrse? onde os de Alfeno?
Dos do bom Corydon a maior parte?
Os do canoro Ismeno — honra de Clio?
Os de Oleno, e Barroco? ... Houve té-gora
Um amigo, um parente, que das sombras
Resgatasse do olvido — e á luz os désse —
Seus versos immortaes?... A tantas perdas,
Que as Camenas de Lysia afflictas chorão,
Queres juntar dos versos teus a perda?...
Queres ser como o insano, que pescando
As perlas do Erythreo — da vida a risco —
Frenetico depois ao mar as lança?...
Queres ser como o improvido menino,
Que — para as desfolhar — as rosas colhe?...

Melhor te inspire o céo, Francelio; escuta,

Do amigo pela voz, a voz das Musas:
Não sacrifiques do teu estro a gloria
A temor infundado, a vão capricho.
Teus poemas publíca, e verás como
Crítica imparcial, co' a recta vara,
Dos ruíns os extrema; e t'os consagra
Ao público louvor, pública estima.

José Maria da Costa e Silva.

AO ILLUSTRISSIMO SNR.

Joze Maria da Costa e Silva.

RESPOSTA.

Junto das bravas agoas Oceanas
Chóro quanto cantei na mocidade.

FR. AGOSTINHO DA CRUZ. Eleg. 10.

Candido Cysne, que no Tejo adejas,
Cantando — docemente — sonoroso,
Causando aos cysnes do Caystro invejas;

Aqui — na foz do Vouga salitroso —
Recebi com affecto, e com respeito,
Teu sabio carme — epistolar honroso.

Se bem qu' ás Musas já não seja acceito,
Por não poder nas azas carunchosas
Suster-me, ha muito a rastejar affeito;

Sempre gósto de ouvir as grandiosas
Canções do alto Pindo, que te ensinão
De Jove as sacras filhas graciosas.

Com que primor a lyra ellas te affinão,
Pois que nas aureas praias de Ulyssea
Por seu Cantor — mimoso — te destinão!

A lyra, que possues, é a Febea
A' vista dos bons sons, que d'ella extrahes;
E julgo não me engana a minha idea.

São elles tão subtis, tão divinaes,
Que — quem os ouve — fica extasìado,
E não póde depois desejar mais.

N'outro tempo vivi acostumado
A ouvir iguaes canções de meus bons socios,
No Tagitano Menalo affamado.

Mancebo então, em agradaveis ocios
Nas tarefas das lucidas Camenas,
Gosava de Aganippe os frescos rocios.

Mas o Tempo feroz, virando as scenas,
Lançou-me ás praias da insalúbre Mira,
Onde das azas me arrancou as pennas.

Hoje — caduco assás — nada me inspira,
Nem podem já tirar gotosos dedos
Sonoros sons da enferrujada lyra.

Não oiço rouxinoes, que cantem ledos,
Dos viçosos raminhos pendurados,
N'estes calvos areaes sem arvoredos.

Tristes dias — aqui — amargurados
Passo n'uma infeliz caducidade
Por decreto cruél d'avessos fados.

As verduras da minha mocidade
Me faz pagar o Tempo com usura,
Na minha longa — octogenaria — idade.

Que resta pois, bom Silva?... a sepultura;
O descanço final acharei n'ella;
Só alli findará minha amargura.

O nauta corajoso na procella
Manobra c'o sentido em salvamento;
Mas um velho — infeliz — não tem cautella.

Perdi o gosto á vida: o sentimento
De uma fama floral, além da morte,
Não me occupa um instante o pensamento!

Côrte a Parca cruél o fio, côrte...
D'esta minha decrepita existencia;
Termine de uma vez a minha sorte.

De que servio a pouca intelligencia,
Que o Céo me deu de harmonica Poesia?...
Póde ella — hoje — livrar-me da indigencia?...

Nem a Jóvea Minerva, nem Thalia
Me valem na velhice, em que me vejo;
Indigente Cantor não tem valia!...

Já não quero louvores, nem desejo
As capellas de myrtho, e de amarantho,
Que em outros tempos me offertára o Tejo.

D'esses, que ergui nas azas do meu canto,
De apparente virtude revestidos,
Hoje nenhum me enxugaria o pranto.

Devem ficar no Lethes submergidos
Os versos, que lhes dei: esses cantares
Pouco importa que fiquem esquecidos.

Incensei servilmente os vaõs altares
D'esse profano Deos, que Amor se chama,
Que enche os escravos seus de mil azares.

De sacrificios taes regeito a fama;
Que por elles deixei de os fazer puros
Ao verdadeiro Deos, que os homens ama.

Estes versos serião mais seguros,
De uma fama immortal, de um nome honroso,
Do que esses, que á vaidade dei, impuros.

O Cantor de Israël se fez famoso
Subindo sobre as azas dos seus hymnos
A vêr do Eterno o Throno luminoso.

Estes sim, estes são vôos divinos,
Cem vezes mais — do que esses — affamados
Dos grandes vates — Gregos, e Latinos. —

Epinícios, que a Deos são consagrados
Passão além da morte, em via recta,
A serem nas estrellas collocados.

Estes versos no Céo só tem a meta;
São estes os, que dão eternidade
A um distincto cantor, sabio poeta.

Estes sim, desejára eu sem vaidade
Impressos inda vêr em minha vida,
Como emendas da louca mocidade.

Mas ah! que esta vontade appetecida
Não posso conseguir, douto Josino,
Porque estou muito perto da partida.

Meu estado morboso, assás mofino,
Me priva d'este gosto derradeiro,
De dar ao prélo o Cantico Divino.

Este devia ser sempre o primeiro,
Que havia dar a Quem o ser me déra,
Que só para cantar me deu luzeiro.

Essas flores da minha primavera
Eu devo desfolhar no meu inverno :
Pois, de braços abertos, lá me espera
Em seu Throno immortal o Pai mais terno.

Mira 13 de Julho de 1848.

Francisco Joaquim Bingre.

O POETA AO SEU NATALICIO.

CANÇAÕ.

Nesta lavada areia, em que me deito,
Versos diversos canto dos primeiros,
Que como pueris agora engeito.

Fr. Agostinho da Cruz. Eclog. 9.

1.

Finalmente cheguei á grande meta,
Onde negra columna o Tempo marca
Da existencia provecta.
Já vejo a fusca barca,
Em que devo passar o pantanoso
Rio do esquecimento pavoroso.

2.

Nestas fétidas ribas, tão luctuosas
Co' as sombras, que vagueião dos finados,
Ululando — medrosas —
Com passos desregrados,
Venho trazer, com susto ao precipicio,
Hoje o meu derradeiro natalicio.

3.

Atravez de rochedos tão medonhos,
Onde eu oitenta e dois invernos trago,
Venho antigos sonhos
Lançar ao turvo lago,
Sepultando no frio esquecimento
Chimeras, illusões do pensamento.

4.

Esses loucos festins, com que a vaidade
De vaidosos mortaes celebra os annos,
E de uma vãa beldade
Enfeitada de enganos,
Com musicas, com danças, com folgares,
Da lisonja incensando os vis altares;

5.

As taças de christal orladas de ouro,
Onde saltinha o rubido Falerno,
E o bom moscatel louro,
Tão querido do inverno,
Com que eu brindava n'outro tempo o dia
Do meu natal, com fôfa companhia;

6.

Vem tudo terminar nesta balisa
Com essas pompas vãas do louco Mundo ...
Tudo aqui se deslisa
Neste pégo profundo
Do somnolento Lethes, que esquecidos
Faz todos os mortaes aqui trazidos.

7.

Quando as aguas provar do estófo rio
Na passagem da barca de Charonte,
Ficarei no desvio
Do que pensava honte ...
Perderei a memoria d'esta vida;
Nada me lembrará n'esta partida.

8.

Ao fundo d'esse pégo a minha lyra
Atirarei então ; quero se esqueção
Os cantos da mentira :
Quero que alli feneção
Com ella os versos loucos fabulosos ,
Que hoje — neste natal — me são odiosos.

9.

Se o meu nome cantar quizer a Fama ,
Se o Vouguense Cantor de alguem lembrado
Fôr com amante chamma
De um coração lavado;
Não se lembre dos canticos profanos ,
Lembre-se dos chorosos desenganos.

10.

As lyricas canções de um estro , acceso
Nos fogos das paixões desordenadas ,
A's iras do despreso
Só devem ser deixadas.
Arrôjos de esquentada fantasia
Produzírão fantasmas da Poesia.

11.

Esses incensos vãos — que dei tão cego
A's caducas fantasticas bellezas
Com fraudulento apêgo ,
E ás mundanas grandezas
De egoistas venaes — forão perdidos
Louvores , que a um Deos-Pai erão devidos.

12.

Agora que o meu sol entra no occaso ,
Falho de oitenta e dois Julhos ardentes ,
Olhando ao meu atraso
Dos cantos negligentes ,
Dando de mão á vãa lyra Phebêa ,
As cordas pulsarei só d'Harpa Hebrea.

13.

Eu, nesta minha derradeira aurora
Do meu caduco dia natalicio,
Que os meus erros deplora,
De engrandecer o vicio
Verei se emendo o mal... vai ser extincto
Co'a dôr da contricção, que n'alma sinto.

14.

O' Deos, Senhor Immenso, que quizeste
Conceder a um mortal tão longa vida,
Que o grande dom lhe déste
Da Poesia atrevida!...
Ah! perdôa, Senhor, ao vate ingrato,
Que empregou esse dom n'um falso trato!

15.

Só devião a Ti ser consagrados
Os versos, que cantei na mocidade...
Cantos esperdiçados
Nos cultos da vaidade,
Preferindo louvar nimphas fingidas,
Crueis abutres das humanas vidas.

16.

Agora, que chegou ao final termo
O meu dia natal, é que conheço
N'este horroroso êrmo
O tempo, que aborreço:
O tempo, que passei, cheio de enganos,
Sem fructo algum colher em tantos annos.

17.

Real Cantor Hebreu, vate contrito,
Que nas azas do estro aos Ceos subiste,
Accolhe — ahi — meu grito;
Escuta o poeta triste;
Ensina-lhe a cantar trisagios hymnos
Ao Supremo Senhor dos seus destinos.

18.

O seu ultimo dia natalicio
Protege na passagem d'esta vida:
Faze-lhe o Ceo propicio
Na amarga despedida
D'este enganoso Mundo, que illudíra
De tão frouxo cantor a fraca lyra.

19.

O' David immortal, meu estro ardente
Faze voar nas azas da Poesia
Ao Throno trifulgente,
Neste meu natal dia:
Dá-me, Cysne Divino, a voz canora
Da Tua contricção triunfadora.

20.

Canção!.. suspende os sons, chora, e suspira:
Afoguemos na dôr do pranto nosso
Nossa profana lyra.
Quero inda ver se posso
Versos — dignos do Ceo — cantar na Harpa,
Que me possão salvar da esconsa escarpa.

SONETO.

> Os versos, que cantei importunado
> Da mocidade céga, a quem seguia,
> Queimei [como vergonha me pedia]
> Chorando por haver tão mal cantado.
>
> SONETO DE FR. AGOSTINHO DA CRUZ.

A lyra, onde eu cantei amor profano,
Vou agora cantar Amor Divino,
De novo encordoada, e com mais tino
Ao som da sacra voz do desengano.

Se algum dia — com ella — ao falso engano
Dei louvores em louco desatino;
Hoje o idolo conheço, vil, malino,
Que em moço me causou acerbo dano.

Se o dom, que me foi dado, da Poesia,
Pelo Supremo Author da Natúreza,
Eu não soube empregar, como devia,

Hoje d'esse cantar muito me peza! ...
Hoje, em hymnos aos Ceos, com melodia
Vou do ETERNO louvar toda a grandeza.

SETE PSALMOS PENITENCIAES

AO ENTE SUPREMO.

Dedicatoria.

SONETO.

Ó Deos, Supremo Artifice Divino
Da humana construção maravilhosa,
D'esta ambulante maquina estrondosa,
Obra do Teu incognito Destino;

Eu, que as molas gastei d'aço tão fino
Em desvairada vida vergonhosa,
Que atravez sempre andei pela enganosa
Estrada, que me fez de Ti indino;

Hoje — da vida na estação madura,
Em que os erros da verde primavera
Vejo do desengano na pintura —

Hoje venho offertar, á Tua espera,
Outro canto melhor de eterna dura,
Que sempre a Ti, Senhor, cantar devera.

PSALMO I.

Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam.

1.

O' Deos, sublime ser, Deos conhecido
Pelas obras da Tua Omnipotencia!
Aos olhos escondido
Da Tua immensidade na sciencia!
Eu me abysmo, Senhor, se a fundo penso
No Teu poder immenso!...

2.

Eu, maquina ambulante, cujas molas
Construidas por Ti andar me fazem
No Globo, que Tu rólas
C'um dedo do Teu pé; que se desfazem
A um leve assopro Teu, que entrega ao vento
O pó d'este fermento;

3.

Se eu, todo corrupção, dos bichos pasto
Cedo vier a ser, pagando á terra
O seu barro, mal gasto
No abuso das paixões, cedendo á guerra,
Que ellas fazem aos miseros humanos,
Com seus falsos enganos;

4.

Se a Luz vivificante, que me anima,
Ha-de a morte apagar por ordem Tua;
Se a corda de alta estima,
Que esta maquina move, a força sua
Ha-de um dia quebrar; Tu, neste apêrto,
Dá-lhe eterno concêrto.

5.

Pouco importa que á terra a terra dêmos;
Ella nossa não é, é imprestada:
Nós tornar-lha devemos
Da mesma fórma, que nos fôra dada:
O que se deve a Ti, da contextura,
E' só uma alma pura.

6.

Mas ah! como, Senhor, Te darei esta
Tão candida, tão limpa, e tão formosa,
Se o peccado m'a empesta?
Como me atreverei dar-t'a nojosa,
Despida do esplendor, que Tu lhe déste
Do Teu fulgir celeste?

7.

Como ha-de ser das fézes despojada,
Quando sempre trilhou sujo caminho?...
Para ser encendrada,
Como o ouro, no fogo do cadinho
E' preciso o chrysol da Tua graça,
E que limpa renasça.

8.

Só assim voarei purificado
No cadinho da Tua mis'ricordia;
Pois não posso — pesado —
Subir, sem ter comtigo paz, concordia:
Se no fogo do Teu Amor me abrasas,
Seguro irei nas azas.

PSALMO II.

1.

Causa immensa — sem fim — das causas todas,
Universal Senhor da Natureza,
Que no disco, onde rodas
De teu brilho immortal na Gloria acoesa,
E's permanente Luz de eterno Dia,
Que nunca principía;

2.

Tu, que apertas na dextra o raio acceso,
Sem nunca Te queimar; que no Teu dedo
Sustens do Mundo o peso;
Tu, da Eternidade o grão-segredo,
Por vãa philosophia não mostrado,
Ao calculo és vedado.

3.

Teus olhos são, Senhor, mais penetrantes,
Que os vidros astronomicos da Terra:
De Teus Paços brilhantes
Vês a formiga, que no chão se encerra:
Do mais pequeno insecto a Tua vista
Os musculos regista.

4.

Nada a Ti se esconde: os pensamentos
De todos os mortaes Te são patentes:
Tu sabes seus intentos,
Muito antes de os formarem. Tens presentes
Todas as coisas, que o porvir encerra;
Nada Te occulta a Terra.

5.

Da Natureza as portas não se fechão
Nunca ao seu Creador; desferrolhadas
A T'i ver tudo deixão:
Penetrão duras balsas intrincadas,
Entrão nas fundas grutas pavorosas
Tuas vistas radiosas.

6.

Onde pois esconder, meu Deos, pertendo
A grande multidão de meus delictos,
Se do Teu Throno lendo
Os estás no meu feio rosto escriptos!
Tu do alto Ceo me vês todo enterrado
Na lama do peccado.

7.

Ah! corramos... corramos á piscina,
Contrictos, a lavar nossos errôres;
Brademos á Divina
Clemencia, que perdôa aos peccadores.
Na Tua immensa Piedade abrigo
Eu busco, ó Pai amigo.

PSALMO III.

1.

Suspende, ó Deos de amor, os teus flagellos;
Basta já de chover tantos castigos
Dos crimes parallellos!
Ai! eu bem sei que os homens, inimigos
Se tem feito do seu Creador Eterno,
Ouvindo a voz do inferno,

2.

Eu sei avaliar o quanto é justa
A Tua ira, meu Deos, Tua vingança,
Que a todo o Mundo assusta!...
Sei que a Tua rectissima balança
Péza — com igual mão — castigo, e premio,
Da Tua Lei no gremio.

3.

Fecha... fecha os ergàstulos da ira,
D'onde soltas a fome, a peste, a guerra,
Que a Tua mão atira;
Tem compaixão de nós, males desterra;
Troca n'um claro dia a escura noite;
Pendura o teu açoite.

4.

Apiáda-Te de tantos innocentes
Filhinhos — sem abrigo — desgarrados,
A quem os pais dementes
Com seus crimes fizerão desgraçados:
Tem dó de tantas miseras donzellas,
Expostas ás procellas.

5.

Ah! se a Tua justiça satisfeita
Está, Potente Deos, depõe o raio;
E os nóssos ais acceita:
Toda a Terra, Senhor, posta em desmaio,
Arrependida, clama piedade
A' Tua caridade.

6.

Acceita os filhos prodigos, perdidos
Do Mundo nas veredas enganosas,
Que vem arrependidos
Buscar Tuas pousadas luminosas.
Perdôa-nos, Senhor, pelo Teu terno
Immenso Amor paterno.

PSALMO IV.

1.

Tenho cantado na profana lyra,
O' Deos — tão soffredor — profanos versos,
Louvando com mentira
Falsas mulheres vãas, homens perversos,
Dando aos fantasmas vãos do Mundo infenso
O Teu devido incenso.

2.

O dom, que Tu me déste da Poesia,
Para as acções cantar só da virtude,
Com doce melodia,
Jámais em honra Tua empregar pude;
Sempre affeito ás lisonjas dos mundanos
Cantei os seus enganos.

3.

Ah! como errado andei em dar meu canto
Do falso Mundo á estupida vaidade,
Esquecido do quanto
Devía á Tua Excelsa Magestade:
Quando devêra, ó Deos Omnipotente,
A Ti cantar sómente!...

4.

Hoje, que frio já meu estro sinto,
E' que tento cantar-Te, ó meu Deos, tendo
O fogo quasi extincto?...
Mas eu posso, Senhor, inda ir batendo,
Ajudado por Ti, as frouxas azas,
Se Tu de lá me abrasas.

5.

Eu bem sei que é já tarde, e muito tarde
Para cantar, meu Deos, Tuas grandezas:
Mas, se a dôr, que em mim arde,
Tem jus do Teu Amor inda ás finezas,
Perdoa-me, Senhor, faltas passadas,
Em coisas mal cantadas.

6.

Mas ah! que vejo eu?!... Tua clemencia
Dá mostras, ó meu Deos, de perdoar-me
A passada demencia!...
Tu vens de novo a lyra encordoar-me...
Eu vou cantar-Te já incendiado
Em Teu fôgo sagrado.

PSALMO V.

1.

O' Musa, que ensinaste o Rei Propheta,
Na harpa a modular canções Divinas,
Tão sabia, tão discreta;
Se a minha humilde lyra tu me affinas,
Póde ser que tambem o mesmo faça...
Musa, Divina Graça!

2.

Se a Moyses, se a David, se a Jeremias
Arrancaste com teu sonoro canto
Tão doces melodias;
Se a minha lyra affinas, talvez tanto
Farei, Celeste Musa, se me inflammas
Em tão Divinas chammas.

3.

Lança, lança, Deos Pai, Senhor Piedoso,
Denso veo sobre as minhas, grandes faltas;
Meu canto sonoroso,
Contricto, Te vou dar: se Tu me exaltas,
Eu vou, como os Hebreos, Cysnes Cantores,
Só dar a Ti louvores.

4.

A que porto porei primeiro o rumo
Do veleiro baixel do pensamento?...
Será ao Poder Summo
Da Tua Immensidade, ó Deos Portento?...
Ah! que este mar d'immensas maravilhas
Não cortão nossas quilhas!

5.

Deixemos este mar, que não tem praias;
Vamos, lyra, buscar porto seguro,
No qual a salvo saias.
Não vês aquelle cáes... e mar mais puro?...
N'elle vamos surgir, n'elle ancoremos;
N'aquelle cáes saltemos.

6.

N'este porto de Amor todos se abrigão
Das mundanas borrascas da discordia;
Aqui ventos não brigão;
N'esta praça de immensa mis'ricordia
Vem do Mundo os falídos mercadores
Carregar de favores.

7.

Aqui vamos ganhar o que perdemos
N'outro tempo, que as vis paixões cantámos.
Agora só louvemos
O excelso Rei dos reis; pois que ancorámos
N'este porto feliz de um Pai piedoso,
Tão terno, tão bondoso.

PSALMO VI.

1.

O' Deos de compaixão, Deos de piedade,
Pelicano de amor, que o peito fendes
Com tanta caridade,
Só para alimentar aos que defendes
Com Teu Precioso Sangue, que vertido
O Mundo tem remido.

2.

N'essa fonte do Teu Divino lado
A sêde apagar venho, que me mata,
Por Ti, Senhor, chamado;
Ah! quão sido, minha alma, tens ingrata
A tão ardente Amor, a tanto affecto
De um Deos tão bom, tão recto!

3.

Ave mansa caseira, que agasalhas
Debaixo d'essas azas teus filhinhos;
Que incessante trabalhas
Em sustentar, nutrir teus pintainhos,
Comparação não tem o teu disvelo
De Deos ao fino zêlo.

4.

O' Deos, Supremo Ser, que o mundo velas,
Que do alto d'esse Throno nos vigías,
Teus olhos sentinellas
De todo o Mundo são; Tu nos desvias
Dos males com Amor; se a Ti bradâmos,
Soccorro em Ti achâmos.

5.

Do fúlgido Triangulo, que a Frente
Magestosa Te cinge, ó Deos Eterno,
A pedra mais fulgente,
Que adorna o Teu diadema, é o Teu terno
Amor, filho da Tua alta clemencia,
Brazão da Omnipotencia.

6.

Por Amor, ó meu Deus, defendes tudo;
Por Amor Tu enfreas rijos ventos;
Do Teu Amor no escudo
Quebrão a furia toda os elementos;
Teu Amor faz que o Sol a Terra aqueça,
Fructifique, e floreça.

7.

Teu Amor aos mortaes alenta a vida:
Tu abraças a Pedro, que Te nega;
E a Thomé, que duvida,
O mandas apalpar, quando se chega
Para junto de Ti; nas Tuas chagas
Tu com Amor o affagas.

8.

A Paulo, por Amor, do chão levantas;
Tu por Amor a Magdalena ergueste,
Que Te lavava as plantas
Com lagrimas de dor; Tu a fizeste,
Despida da vaidade peccadora,
Mais fúlgida que a Aurora.

9.

Tu por Amor em fim baixaste ao Mundo;
Ao homem por Amor o ser Tu déste;
Por Teu Amor profundo,
Do centro de uma Perola nasceste;
Tu por Amor, á morte Te entregaste,
E os homens resgataste.

10.

Tu por Amor... Mas onde me arrebato?...
Profundar teu Amor acaso intento,
Com meu canto abstracto?...
Onde meu desvairado pensamento
Tentava agora ir, seguindo a onda
De um mar, que não tem sonda?...

11.

Lyra, ao nosso baixel apanha as velas;
Dêmos fundo no porto da ventura,
Livres d'átras procellas.
Amarrados na ancora segura
Do terno Amor de um Deos, não a larguemos.
Ai de nós... se a perdermos!!!

PSALMO VII.

1.

Pois me vejo ancorado n'este porto
Tão seguro da Tua mis'ricordia,
Dá-me, meu Deos, conforto
Para com Tigo andar, sempre em concordia;
Não me tires, Senhor, tão forte amarra,
Quando eu sahir da barra.

2.

Se outra vez velejar c'o panno solto,
Ajuda-me, meu Deos; enche-me as velas,
Lá no alto mar revolto,
Com Teu sopro; e me salva das procellas,
E dos corsarios crus; que seu forçado
Não seja ao rêmo atado.

3.

Salva-me dos parceis, cachopos duros,
Para não navegar c'o baixel roto;
Dá-me ventos seguros
Com rumo sempre igual, sê meu Piloto;
Governe a Tua mão meu fraco leme
No bravo mar, que freme.

4.

Das inquietas syrtes tormentosas
Com Teu braço potente me desvia;
E d'essas enganosas
Serêas, que — com falsa melodia —
Fazem fundir incautos navegantes
Nas ondas inconstantes.

5.

Se o tufão apontar, Tu sem demora
Faze que eu tome a tempo o solto panno,
Linda Estrella d'Aurora,
Que a todos guias sobre o vasto Oceano:
Excelsa Mãi de Deus, Pura Maria,
Meu tenue baixel guia.

6.

Faze com que este pobre nauta ousado
Não se aparte jámais do fixo rumo
Do Teu brilho sagrado:
Tu a agulha lhe dá, dá-lhe o Teu prumo,
Para não naufragar nas costas feias
De inhospitas areias.

7.

Ninguem teme os tufões, por guia tendo,
O' Piedoso Senhor, Tua Mãi formosa.
Embora o mar fervendo
Levante aos Ceos a frente marulhosa,
Que sempre, quando o ar mais s' escurece,
Seu Iris apparece.

8.

A' Tua Mãi, meu Deos, e a Ti me apégo
N'esta róta infeliz do mar do Mundo;
Faze que eu sulque o pégo,
Sem temor de sumir-me no seu fundo,
Para no porto entrar sem tempestade
Da excelsa Eternidade.

9.

Não mais, lyra, não mais; suspende o canto;
Da contricção nas azas só voemos;
Ao Deos, tres vezes Santo,
Perdão de antigos versos imploremos.
Somos mortaes; só Cidadãos Divinos
Lhe podem cantar hymnos.

SONETO *

DA

ILLUSTRISSIMA E EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. Catharina Michaela de Souza Cezar e Lencastre,

DAMA DA ORDEM DE S. JOÃO DE JERUSALEM,

E

PRIMEIRA VISCONDESSA DE BALSEMÃO.

Grande Deos, que do alto d'esse throno
Lanças o braço ao peccador contrito,
Escuta do remorso o humilde grito,
Das tuas leis perdôa o abandono:

Tu da graça efficaz sómente o dono:
Que nunca a pena igualas ao delicto,
Dá-me socego ao coração afflicto,
Tão proximo a dormir o eterno somno.

Debaixo d'uma magica apparencia
Encobri os requintes da maldade;
Mas qual é hoje a triste consequencia?...

Não me negues, Senhor, Tua piedade;
Tiraste-me do abysmo da impudencia,
Dá-me uma venturosa eternidade.

(*) Glozado pelo Snr. Bingre quando, gravemente doente, se julgava nos ultimos momentos de sua existencia. A gloza, e o soneto forão já impressos — avulsamente — na Typographia do Governo Civil d'Aveiro. O EDITOR.

GLOSA.

I.

Pois á vista do porto estou da morte
Com meu fraco baixel desarvorado,
Por duros furações d'um vento forte
As velas rotas já, leme quebrado;
Pois a agulha n'um giro desvairado
Não acerta no rumo do seu norte,
A Ti clamo no mîsero abandono,
Grande Deos, que do alto d'esse throno —.

II.

Acodes sempre aos ais da humanidade
Amparando o mortal, que a Tí recorre
Nos extremos da sua adversidade:
Se impuro, mas contricto, a Teus pés corre,
Tu o lavas na fonte da piedade;
Como Pai o soccorres quando morre; —
Do alto d'esse throno ouvindo o grito
Lanças o braço ao peccador contricto.

III.

Neste triste momento do naufragio,
Em que tenho o baixel já todo roto,
Escuta lá do Céo o meu suffragio,
Perdôa, Summo Deos, ao mau piloto:
Prometto, se escapar d'este contagio,
De só a Tí servir; ouve o meu voto!...
Perdôa-me, Senhor, o meu delicto,
Escuta do remorso o humilde grito.

IV.

Naveguei atravéz do mar ferino,
Do rumo da virtude desviado;
As syrtes das paixões cruzei sem tino;
No fundo pego andei sempre engolfado;
Não me lembrei do Teu pôder divino,
Nem da conta, que havia dar, culpado,
A Tí, da embarcação supremo dono...
Das Tuas leis perdôa o abandono.

V.

Pois sou feitura Tua, e Teu composto,
Por Tuas mãos divinas fabricado,
Não me escondas, Senhor, Teu santo rosto,
Não me voltes as costas indignado;
A Teus pés, ó meu Deos, eis-me aqui posto
Em pesarosas lagrimas banhado...
Perdôa a este ingrato, e mau colono,
Tu, da graça efficaz sómente o dono.

VI.

Fui mau agricultor, mau mareante,
Nem no mar, nem na terra andei direito;
Trabalhei sem prudencia, e delirante;
Não colhi — do meu trafico — proveito;
Fui mau trabalhador, e neste instante
Que contas hei-de dar do mal, que hei feito?...
Mas eu confio em Ti, Deos infinito,
Que nunca a pena igualas ao delicto.

VII.

Põe Teus olhos em mim, ó Deos piedoso;
As feias culpas vê compadecido
Deste teu filho ingrato, e descuidoso,
Que neste mundo andou sempre perdido;
Perdôa o extravio criminoso
Da Tua santa Lei, que arrependido
A Ti clamo, Senhor... ouve meu grito...
Dá-me socego ao coração afflicto.

VIII.

Necessito, Senhor, do Teu amparo
No tránsito final da humana vida;
Pois me vêjo n'um triste desamparo
No terrivel momento da partida.
Eu para Te seguir já me preparo,
Para Tu me ajudares na sahida;
Pois me vejo, Senhor, em abandono,
Tão proximo a dormir o eterno somno.

IX.

Escuta a confissão dos meus delictos,
Companheiros crueis da Tua offensa;
Escuta lá nos Ceos meus tristes gritos,
Que vão subir da terra á Gloria immensa...
Minhas culpas confesso entre ais afflictos...
Minóra, Grão-Juiz, Tua sentença...
Pêsa-me ter vivido com demencia
Debaixo d'uma mágica apparencia.

X.

Nos prazeres do mundo embriaguei-me;
Os appetites vãos me envenenárão;
Em enganosos filtros enredei-me;
De Ti sordidos gostos me apartárão;
Do mundo co' os louvores enganei-me;
Do mundo as vís paixões me deslumbrárão;
Debaixo d'uma estupida vaidade
Encobri os requintes da maldade.

XI.

Seguindo a louca voz dos appetites,
Não cuidei de mais nada sobre a terra;
Minha devassidão foi sem limites;
Os vicios me fizeram dura guerra;
Não regeitei do falso amor convites,
E o pesar — de o ter feito — já me aterra...
Tive de enganos vís longa exp'riencia;
Mas qual é hoje a triste consequencia?...

XII.

Se os remorsos, que tenho no meu peito,
De Te haver offendido podem tanto,
Que fação lavar inda o meu defeito
Com as turvas correntes do meu pranto;
Se posso inda soldar o Teu preceito —
Quebrado — com a dôr d'um triste canto,
Adoça minha voz... por caridade
Não me negues, Senhor, Tua piedade.

XIII.

Estende-me, ó bom Pai, a mão piedosa:
Do chão, onde cahi, qual debil planta
Açoutada de furia tempestuosa,
Com Teu divino affecto me alevanta,
Pois soffreste por mim morte affrontosa:
Com o sangue da Tua paixão santa,
Com o Teu puro amor, e omnipotencia
Tiraste-me do abysmo da impudencia.

XIV.

Se vieste remir a humana raça,
Pela offrenda d'um puro sacrificio,
N'uma alta cruz, por affectuosa graça;
Se — sem obrigação — tal beneficio
Tu fizeste aos mortaes, minha alma enlaça
Em teus braços, Senhor; — sê-me propício;
Perdôa toda a minha iniquidade;
Dá-me uma venturosa eternidade.

AO LER OS ULTIMOS SONETOS DA MESMA SENHORA.

SONETO.

Da cantora immortal, que honrára o Téjo,
Da illustre Balsemão, da Sapho Lusa
Lendo os versos finaes, que a Sacra Musa
Lhe inspirou no seu ultimo bocejo;

Nelles o moribundo Cysne vejo,
Que de cantar na morte não se escusa;
Vejo uma alma feliz, que a Deos se accusa,
E ao Céo remonta o divinal adejo.

Pois que lindas canções melodiosas
Docemente cantou na mocidade,
Nas tarefas das Tagides formosas;

Soube melhor, voando á eternidade,
Ir nas ethéreas salas luminosas
Cantar hymnos d'amor á Divindade.

VELHICE E POBREZA.

ODE.

1.

Sem forças, sem vigor, curvado no peso
De oitenta e seis invernos, já não posso
Suster o podre tronco nos esteios
De umas delgadas cannas.

2.

Ellas vérgão commigo; qualquer vento
Me faz bambalear; em cima d'ellas
Não me posso mover, o equilíbrio perco;
Tremelhiçando càio.

3.

Estes tombos provócão mil risadas
Aos fôfos petimetres, que vaguêão:
Dão palmadas as moças, e os vadíos
Em folguêdo me apúpão.

4.

Sou semelhante ao toiro dos rapazes,
Que aturdido c' os berros dos gaiatos,
Se assusta da algazarra, e cahe na praça;
E, sem marrar, baquêa.

5.

Venturoso aquelle ente, que cadúca
No seio da abundancia; e que se encosta
Em duas, gordas burras, prenhes de ouro,
Muletas da Velhice.

6.

Se elle as sabe espremer com mão piedosa
A bem dos desvalidos indigentes,
N'ellas acha firmeza; e nunca falha
Um tão seguro encôsto.

7.

Se as pernas lhe fraquêjão, se tropeça,
Todos lhe dão a mão, todos o amparão:
Nos braços esmolados tem escoras
A senil caridade.

8.

Um velho — sendo rico — alegre vive,
Se disfruta benefica saude:
Não teme nem o peso dos invernos,
A fome, nem o frio.

9.

Mas um pobre — decrepito — doente,
Sem ter asylo, envolto em vis andrajos,
Póde alegre viver, sem ter dinheiro,
Com fome, e sem padrinhos?...

10.

Não se vence esta furia com palavras,
Nem com métricas trovas do Parnaso...
Só com aureos cartuxos se debella
A mirrada penuria!

11.

Poucos são os Poetas, que não andão
A braços sempre com tão negro monstro...
O Cantor immortal do Gama ousado
Luctou com elle sempre.

12.

Combateo esta furia toda a vida,
Ora co' a espada em punho, ora co' a lyra,
Nos Africanos campos .. Asia... Europa...
Até ficar vencido.

13.

Não lhe valêrão as canções divinas
(Hoje impressas nos jaspes da Memoria)
Para o monstro vencer: morreu captivo
De tão faminta furia.

14.

Bem dizia Garção, quando cantava:
(Pobre como Camões, como elle Cysne)
Não escreve Lusiadas, quem janta
Em toalhas de Flandres.

15.

De que serve forjar mil versos de ouro,
Se o pobre forjador não tem mais lucro,
Na mesquinhez da vida, do que as fezes
Do fundo do cadinho?!

16.

Se nos aureos clarins da Fama vôão
De mil finados Vates os louvores...
Tem elles, com seus inclitos cantares,
Na morte mais proveito?

17.

Os que passêão nas florestas do Éden,
Se tivessem lembranças d'esta vida,
Em vez de agradecerem taes applausos,
Maldirião a fama.

18.

O sabio, em quanto vive, quer socêgo:
Se descanço não tem, se morre á fome,
Que lhe importa o louvor?... Se lá chegasse,
Praguejára os louvantes.

19.

Filinto, Coridon, Quita, e Bocage,
Thomíno, e outros mais da Lusa Arcadia,
Os louros desfolhados pela fome
Aos ingratos deixárão!!!

A' morte do meu presado Amigo

MANOEL MARIA DE BARBOZA DU BOCAGE

INSIGNE POETA NA LUZA ARCADIA,

E

BEM CONHECIDO PELO NOME

ELMANO SADINO,

SONETO,

Depois de ter saltado o pantanoso,
Turvo rio fatal do esquecimento,
Desceo Bocage ao reino do tormento
Sem soffrer o latir do Cão raivoso:

As duras leis de Minos rigoroso
Não foi ouvir, c'o a turba, ao férreo accento...
Pizou sem custo o negro pavimento
Do longo espêsso Orco pavoroso...

Tudo gostou ali de ouvi-lo, e vê-lo...
Com a Lyra immortal, que então pulsára
Tudo encantou, ninguem ousou sustê-lo.

Só o monstro, que em vida o flagellára,
O Ciume cruel, tentou prendê-lo,
Se tão depressa ao E'den não passára.

AO MESMO.

SONETO.

Longo tempo chorando memorárão
Sacras filhas de Jove a morte dura
Do seu Cantor Elmano, e a grande altura
Do refulgente Pindo abandonárão:

Seus instrumentos célicos quebrárão
Sobre a campa da fria sepultura...
Entre confusos ais, triste amargura
De funebres cyprestes se c'roárão...

Apollo, sem clarão de Divindade,
De bruços soluçou — beijando a lage
De seu Cysne immortal — todo em saudade!...

E sobre ella com dôr ... muda linguage...
Epitaphio, que passa á eternidade,
Gravou por sua mão, pôz só **Bocage**.

SONETO.

Filhos de minha Filha, amados Netos,
Duas vezes meus Filhos tão queridos;
Recebei os meus ultimos gemidos,
Recolhei meus reconditos affectos.

Vós sois os meus amados mais dilectos,
Em que sempre fixei os meus sentidos;
Queira o Ceo que sejaes dos escolhidos,
Que Deos escriptos tem nos Seus decretos.

Vai o fôro pagar á Natureza
O vosso velho Avô que assaz vos ama,
Envolvido nas mantas da pobreza:

Abrasado de amor na viva chamma,
Nada tem que deixar-vos de riqueza,
Mais que o debil pregão de sua fama.

SONETO.

Perdi todo o calor, sou todo um gelo;
Em turpor é cahido o meu composto;
Tenho frios os pés, mãos, peito, e rosto,
E cheio de saraiva o meu cabello:

De pallido tornei-me em amarello,
Perdi todo o sabor, perdi o gôsto:
A' misera indigencia vivo exposto,
Supportando da gota o cru flagello.

Transformado n'um frigido esqueleto,
Conservo quente só o meu juizo,
E no meu coração um grato affecto:

Porém, se me faltar todo o preciso,
De amarello talvez me torne em preto,
Que é negra a fome n'este chão, que piso.

SONETO.

Vai parar esta maquina excellente,
Este raro relogio delicado,
Este moto continuo humanisado,
Esta assombrosa construção vivente:

A cordà vai quebrar, do gasto dente
Da roda, que a prendia, tem saltado;
Todo o composto jaz desconcertado,
A pendula de um fio está pendente:

Trabalhou sobre um eixo de diamante
Julhos oitenta e seis em marcha certa
Com muito pouca variação rodante:

Hoje o tempo — de todo — a desconcerta,
Pouco trabalha já, durou bastante,
Até o proprio Auctor a não concerta.

SONETO.

Excelsos Cidadãos da Gloria immensa,
Santos e Santas da Divina Côrte,
Que soubestes triumphar da dura morte,
Firmes na Lei da nossa Santa Crença;

Vós, que gozaes da Divinal Presença
Do Supremo Senhor, Eterno, e Forte,
Alcançai-me — dahi — ditosa sorte,
E o piedoso perdão da Sua offensa:

Quando pezar a recta Magestade
Feias culpas do meu proceder vario,
Na balança da Sua integridade...

Se esse pezo fatal me fôr contrario,
Lançai, Santos, na concha da piedade
Uma gôta do sangue do Calvario.

SONETO.

Chegado estou de todo ao meu occaso,
Ja o meu horizonte se escurece,
Desgraçado o mortal, que não conhece
Do seu longo viver o final praso!

Cahído estou do cimo do Parnazo,
Nem tornar a subir já me appetece,
Porque todo o vigor se desfallece
N'este chão, onde estou, humilde e raso.

Vou findar minha vida trabalhosa,
Exigindo da candida amizade
Uma recordação triste, e luctuosa:

N'esta marcha fatal da Eternidade,
Quando eu despir a vida tão penosa
Dê-me o piedoso = ADEOS = commum saudade.